

APOLOGÉTICA PARA

QUESTÕES DIFÍCEIS DA VIDA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Craig, William L.

Apologética para questões difíceis da vida / William L. Craig
tradução Heber Carlos de Campos — São Paulo : Vida Nova, 2010.

Título original: *Hard questions, real answers.*

Bibliografia

ISBN 978-85-275-0452-2

1. Apologética 2. Teologia – Estudo e ensino I. Título.

10-09679

CDD-248.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Apologética : Vida Cristã : Cristianismo 239

William Lane Craig

Site do autor: www.reasonablefaith.org

APOLOGÉTICA PARA QUESTÕES DIFÍCEIS DA VIDA

Tradução
Heber Carlos de Campos


VIDA NOVA

Copyright © 2003 de William Lane Craig
Título original: *Hard Questions, Real Answers*
Originalmente publicado por Crossway Books a division of Good
News Publishers Wheaton, Illinois, 60187, EUA

1.^a edição: 2010

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA.
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0452-2

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

SUPERVISÃO EDITORIAL

Marisa K. A de Siqueira Lopes

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jonas Madureira

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO

Arkhé Editorial

REVISÃO DE PROVAS

Mauro Nogueira

Ubevaldo G. Sampaio

DIAGRAMAÇÃO

Kelly Christine Moura

CAPA

Guther

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão Almeida Século 21, publicada no Brasil com todos os direitos reservados pela Sociedade Religiosa Edições Vida Nova.

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução: estagnação intelectual	9
1. Dúvida	33
2. Oração não respondida	47
3. Fracasso	65
4. O sofrimento e o mal (I)	81
5. O sofrimento e o mal (II)	95
6. Aborto	123
7. Homossexualidade	141
8. Cristo, o único caminho	159
Índice onomástico	183
Índice temático	185
Índice de textos bíblicos	189

PREFÁCIO

Este livro é uma versão revisada e ampliada de meu livro anterior: *No Easy Answers* [Não existem respostas fáceis]. O livro original surgiu de uma série de sermões que preguei sobre “temas impopulares”, isto é, tópicos frequentemente evitados por causa das difíceis questões que levantam. Como filósofo e teólogo cristão, sempre me impressiono com o fato de que é muito mais fácil levantar questões difíceis do que respondê-las. Estudantes e leigos que têm pouco treinamento filosófico ou teológico algumas vezes levantam questões tão difíceis que eles mesmos não conseguem imaginar o grau de complexidade em que elas se encontram. Tais questões merecem mais do que respostas simplistas, merecem respostas de verdade; e é isso o que pretendo oferecer neste livro.

Tentei preservar neste livro algo do estilo oral e informal dos sermões que o inspiraram. Entreguei este original como um livro mais devocional do que acadêmico em sua perspectiva, mas temo que a maioria das pessoas o veja como um livro muito cerebral. Juntamente com aqueles que dentre nós consideram a vida intelectual importante, considero que nossa vida devocional está indissolivelmente ligada à nossa vida intelectual. Não vejo nenhum problema com isso! Somos ordenados a amar ao Senhor com todo o nosso coração e com todo o nosso entendimento. Espero que os leitores

que têm enfrentado algumas dessas questões difíceis encontrem esse amor multifacetado do Senhor uma vez mais reavivado em si mesmos.

William Lane Craig
Atlanta, Geórgia
Agosto de 2003

INTRODUÇÃO

ESTAGNAÇÃO INTELECTUAL

Há alguns anos, dois livros causaram um enorme espanto na comunidade acadêmica norte-americana. O primeiro deles, *Cultural Literacy: What Every American Needs to Know* [Alfabetização Cultural: o que todo americano precisa saber], escrito por E. D. Hirsch, documentou o fato de que boa parte dos estudantes universitários norte-americanos não tem o conhecimento básico necessário para compreender sequer a primeira página de um jornal, ou para agir responsabilmente como cidadãos. Por exemplo, em uma recente pesquisa, um quarto dos estudantes pensava que Franklin D. Roosevelt era presidente dos Estados Unidos durante a guerra do Vietnã. Dois terços não sabiam quando havia ocorrido a guerra civil. Um terço pensava que Colombo descobrira o Novo Mundo algum tempo depois de 1750. Numa recente pesquisa da Universidade Estadual da Califórnia, em Fullerton, mais da metade dos estudantes não foi capaz de identificar Chaucer ou Dante. Noventa por cento não sabiam quem era Alexander Hamilton, a despeito do fato de sua foto estar em toda nota de dez dólares.

Essas estatísticas seriam piadas divertidas se não fossem tão alarmantes. O que tem acontecido com nossas escolas que têm formado pessoas tão assustadoramente ignorantes? Allan Bloom, que foi um eminente educador na Universidade de Chicago, e autor do segundo

livro ao qual me referi acima, argumentou em *The Closing of the American Mind* [O declínio da cultura ocidental: da crise da universidade à crise da sociedade] que por detrás desse mal-estar educacional subjaz a convicção universal dos estudantes de que toda verdade é relativa e que, portanto, a verdade não é digna de ser buscada. Bloom escreve:

Há uma coisa de que um professor pode estar absolutamente certo: quase todos os estudantes que entram na universidade acreditam, ou dizem acreditar, que a verdade é relativa. Se essa crença for questionada, pode-se esperar a seguinte reação dos estudantes: eles não entenderão. Qualquer pessoa que considere que uma proposição não é autoevidente provoque admiração, é como se fosse admirável colocar em questão o fato de que $2+4=4$. Estas são coisas sobre as quais você não pensa (...) O fato de os estudantes verem tal questão como algo de ordem moral é claramente visto no caráter da resposta deles quando desafiados — uma combinação de descrença e de indignação: “Você é um absolutista?”, a única alternativa que eles conhecem, emitida no mesmo tom como... “Você realmente acredita em bruxas?”. Essa pergunta produz indignação, pois alguém que acredita em bruxas pode muito bem ser um caçador de bruxas ou um juiz de Salém. O perigo do absolutismo, que eles foram ensinados a temer, não é o erro, mas a intolerância. O relativismo é necessário para a abertura; e essa é a virtude, a única virtude, que toda educação fundamental, por mais de cinquenta anos, tem se dedicado a inculcar. “Abertura” — e o relativismo que a transforma em única posição possível diante das várias reivindicações de verdade e dos vários estilos de vida e dos vários tipos de seres humanos — é a palavra de ordem que expressa o grande *insight* de nossos tempos. (...) O estudo da história e da cultura nos ensina que todo o mundo foi insensato no passado; os homens sempre pensaram que estavam certos, e isso os conduziu a guerras, perseguições, escravidão, xenofobia, racismo e machismo. A questão não é corrigir os erros e realmente estar certo; mas, sim, não pensar que você, afinal de contas, está certo.¹

¹ Allan Bloom, *The Closing of the American Mind*, New York, Simon & Schuster, 1987, p. 25,26 [Publicado no Brasil por Best Seller sob o título *O declínio da cultura ocidental: da crise da universidade à crise da sociedade*].

Uma vez que não há nenhuma verdade absoluta, uma vez que tudo é relativo, o propósito da educação não é ensinar a verdade ou conhecer os fatos — pelo contrário, trata-se apenas de adquirir a habilidade necessária para enriquecer, conseguir poder e fama. A verdade se tornou irrelevante.

Ora, é natural que esse tipo de atitude relativista quanto à verdade seja antitética à cosmovisão cristã. Afinal, como cristãos, cremos que toda verdade é verdade de Deus, que Deus nos revelou a verdade, tanto na Palavra como naquele que disse: “Eu sou a Verdade”. O cristão, portanto, jamais pode olhar para a verdade com apatia ou desdém. Pelo contrário, ele preza e valoriza a verdade como reflexo do próprio Deus. Por outro lado, como concluíram erroneamente os estudantes de Bloom, o compromisso com a verdade torna o cristão um intolerante; no entanto, o real conceito de tolerância requer que uma pessoa não concorde com aquilo que ela tolera. O cristão está comprometido tanto com a verdade como com a tolerância, porque acredita naquele que não somente disse “Eu sou a verdade”, como também declarou “amai os vossos inimigos”.

Na época em que esses referidos livros foram publicados, eu lecionava no departamento de estudos religiosos em uma faculdade cristã. Então, comecei a pensar: “Quantos cristãos teriam sido influenciados pela atitude que Bloom descreve? Como seria a performance dos meus próprios alunos nos testes de E. D. Hirsch?” Pensava com meus botões: “Como será que eles se sairiam? E por que não fazer um teste desses com eles?” Bom, foi isso que fiz.

Baseei-me num pequeno teste de conhecimentos gerais a respeito de pessoas, lugares e coisas famosas e o apliquei a duas classes de aproximadamente cinquenta alunos de segundo ano. Verifiquei que, apesar de eles apresentarem um resultado melhor do que a maioria da população de estudantes em geral, havia uma grande parte do grupo que não era capaz de identificar — mesmo com uma frase — alguns nomes e eventos importantes. Por exemplo, 49% não foram capazes de identificar Leon Tolstoi, o autor, talvez, do maior romance do mundo, *Guerra e paz*. Para minha surpresa, 16% não sabiam quem era

Winston Churchill. Um estudante pensava que ele era um dos pais fundadores dos Estados Unidos! Outro estudante o identificou como um grande pregador reavivalista de poucos séculos atrás! 20% não sabiam o que é o Afeganistão, e 22% não foram capazes de identificar a Nicarágua. 20% não sabiam onde está localizado o rio Amazonas. Imaginem!

Os resultados foram ainda piores quanto a coisas e eventos. Fiquei abismado ao descobrir que 67% não foram capazes de identificar a Batalha de Bulge. Vários a identificaram com um problema que afeta pessoas em dieta.² 20% não sabiam o que era a “teoria da relatividade” (observe que era apenas para identificá-la como “uma teoria de Einstein” — não era necessário explicá-la). 40% não foram capazes de identificar a Última Batalha de Custer, que foi classificada como uma batalha na guerra revolucionária ou como uma batalha na guerra civil. Diante de tudo isso, não fiquei surpreso de que 73% não soubessem a que se refere a expressão “destino manifesto”.

Assim, ficou claro para mim que os estudantes cristãos não eram capazes de estar acima da catástrofe de nosso sistema educacional, tanto nos níveis primários como nos secundários. Esse nível de ignorância apresenta uma verdadeira crise para as faculdades e seminários cristãos.

No entanto, um temor ainda mais terrível começou a me assombrar enquanto contemplava essas estatísticas. E pensei: “Se estudantes cristãos são tão ignorantes a respeito dos fatos gerais concernentes à história e à geografia, então, devem ser muito fortes as chances de que eles, e cristãos em geral, sejam igualmente ou ainda mais ignorantes a respeito dos fatos de nossa própria herança e doutrina cristãs”. É indubitável que a nossa cultura mergulhou fundo no analfabetismo bíblico e teológico. Muitas pessoas não sabem sequer dizer quais são os quatro Evangelhos — numa recente pesquisa uma pessoa os identificou como Mateus, Marcos e Lutero! Numa outra pesquisa, Joana D’Arc foi identificada por algumas pessoas como a esposa de Noé! Comecei a

² “Bulge”, além de ser o nome de um local que ficou famoso por ter sido o cenário de uma das últimas grandes batalhas da segunda guerra mundial, é uma palavra inglesa que significa “protuberância” ou “inchaço” (N. do E.).

suspeitar que, provavelmente, a igreja evangélica também esteja enredada em algum nível mais elevado dessa mesma espiral declinante.

Mas, se nós não preservamos a verdade de nossa própria herança e doutrina cristãs, quem irá fazê-lo por nós? Os que não são cristãos? Dificilmente! Se a igreja não dá valor à própria verdade cristã, então, ela se perderá para sempre. Por isso, pensei sobre como os cristãos se sairiam em um teste sobre os fatos gerais da história e doutrina cristãs.

Bem, como se sairiam? Agora, convido você a pegar uma caneta e papel e responder ao seguinte questionário. Vamos lá, o teste só levará apenas alguns minutinhos! Penso que os itens a seguir se referem a assuntos que qualquer cristão maduro de nossa sociedade é capaz de identificar. Apenas forneça alguma frase que indique seu conhecimento sobre o assunto. Por exemplo, se eu disser “John Wesley”, você poderá escrever: “o fundador do Metodismo” ou “um reavivalista inglês do século XVIII”.

Teste

Agostinho
Concílio de Niceia
Trindade
Duas naturezas unidas numa pessoa
Panteísmo
Tomás de Aquino
Reforma
Martinho Lutero
Expição substitutiva
Iluminismo

Como foi? Bom, se a sua condição é a mesma que a dos ouvintes a quem eu tinha aplicado esse teste, provavelmente você não se saiu bem. Se esse é o caso, você poderia ser tentado a assumir uma postura defensiva em relação a esse teste: “Quem realmente precisa saber essas coisas? Eu não estou no programa de TV “Quem quer ser um milionário?”! Essas coisas não são realmente tão importantes.

O que realmente importa é andar com Cristo e falar dele para outras pessoas. Quem se importa com essas questões triviais?”

Realmente, espero que essa não seja a sua reação, porque isso impedirá o seu progresso, e mais, esse pequeno exercício não terá sido, de modo algum, proveitoso. Você não terá aprendido nada com ele.

No entanto, há uma segunda reação, mais positiva. Você poderá perceber, talvez pela primeira vez na vida, que você tem uma real necessidade de se tornar intelectualmente engajado como um cristão, e então poderá decidir fazer algo a esse respeito. Essa é uma decisão importante. Você dará um passo que milhões de cristãos no mundo precisam dar. Ninguém fez um desafio tão impactante para os cristãos se tornarem intelectualmente engajados como Charles Malik, ex-embaixador libanês nos Estados Unidos, em seu discurso de dedicação do Billy Graham Center, em Wheaton, Illinois. Malik enfatizou que, como cristãos, estamos diante de duas tarefas na evangelização: salvar a alma e salvar a mente, ou seja, não somente converter as pessoas espiritualmente, mas também convertê-las intelectualmente. E a igreja está perigosamente atrasada com relação a essa segunda tarefa. Nossas igrejas estão cheias de pessoas que são espiritualmente nascidas de novo, mas que ainda pensam como não cristãs. Preste bastante atenção nas palavras de Malik:

Devo ser franco com vocês: o maior perigo que ameaça o cristianismo evangélico norte-americano é o perigo do anti-intelectualismo. A mente, em suas dimensões mais amplas e profundas, não está sendo levada suficientemente a sério. A nutrição intelectual não pode acontecer separadamente de uma profunda imersão, por vários anos, na história do pensamento e do espírito. As pessoas que estão com pressa de sair da universidade e de começar a ganhar dinheiro, ou de servir a igreja, ou de pregar o evangelho, não fazem a menor ideia do imensurável valor de gastar anos de prazer conversando com as maiores mentes e espíritos do passado, amadurecendo, aperfeiçoando e ampliando os seus poderes de pensamento. O resultado é que a arena do pensamento criativo está vazia e plenamente entregue ao inimigo.³

³ Charles Malik, “The Other Side of Evangelism”, *Christianity Today*, Novembro, 1980, p. 41.